

IDENTIDADE E CONTO POPULAR: APONTAMENTOS TEÓRICOS

Keutre Gláudia da Conceição Soares Bezerra

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, E-mail: kekesoares@yahoo.com.br;

Maria Lúcia Pessoa Sampaio

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, E-mail: malupsampaio@hotmail.com.

Resumo: Este trabalho traz reflexões teóricas sobre a identidade e o conto popular. Tais reflexões são oriundas do aporte teórico inserido na dissertação de mestrado intitulada “No fantástico placo da memória: histórias de Trancoso e construção da identidade na cultura popular”, defendida no Programa de Pós-Graduação em Letras-PPGL, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN, *Campus Avançado Professora Maria Elisa de Albuquerque Maia-CAMEAM*. O objetivo aqui é discutir acerca da identidade do contador de histórias, mas especificamente do conto popular procurando trazer apontamentos teóricos que permitam uma compreensão significativa dos aspectos citados. Para tanto, foram feitas leituras que permitem uma discussão relevante em torno da temática proposta. Em termos de conclusão, o estudo apontou que a o conto popular é um suporte a partir do qual o contador de história constrói sua identidade social. Espera-se assim que as discussões apresentadas possam contribuir para o enriquecimento das pesquisas já realizadas no âmbito da identidade e do conto popular.

Palavras-Chave: Conto popular, identidade, narrativa.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é parte da dissertação de mestrado intitulada “No fantástico placo da memória: histórias de Trancoso e construção da identidade na cultura popular”, defendida no Programa de Pós-Graduação em Letras-PPGL, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN. Aqui objetivamos uma discussão teórica sobre a temática da construção da identidade a partir do conto popular, visando conhecer um pouco o debate travado no meio científico em torno do assunto mencionado.

Os estudos nos levam a compreender a narrativa do conto popular como uma característica que o ser humano apresenta desde tempos imemoriais, quando o homem aprendeu a fabular. Sabemos que mesmo antes de adquirir a linguagem falada, o homem narrava os acontecimentos que considerava importantes para sua sobrevivência através da linguagem simbólica, com a qual conseguiu deixar registros do início da vida em sociedade.

Ao longo do tempo, a sociedade humana evoluiu, possibilitando o surgimento de diversas culturas, que transmitiram seu modo de viver às gerações seguintes através do costume de contar

histórias. Esse costume está intrinsecamente relacionado à identidade social de quem o pratica, sendo uma forma de expressão que ajuda a difundir traços de uma determinada cultura, em uma época específica, pois os contos sempre agregam em seu enredo o contexto cultural no qual são contados, tornando-se assim instrumentos de transmissão cultural.

PENSANDO A IDENTIDADE: UMA DISCUSSÃO TEÓRICA

A discussão acerca da identidade vem ganhando espaço no meio acadêmico, visto que, atualmente, muitos estudiosos debruçam o olhar para as questões relativas a esta categoria, buscando uma compreensão de como a mesma está sendo constituída e construída em meio às mudanças pelas quais a sociedade tem passado.

Essa discussão se torna ainda mais relevante quando buscamos um enfoque voltado para a cultura, especialmente a cultura popular, a qual é considerada por alguns autores como um aspecto das manifestações culturais que, como toda cultura, acompanha as mudanças ocorridas na sociedade ao longo do tempo.

Desse modo, considerando os estudos em torno da cultura, entre eles os estudos culturais, que vêm demonstrando um interesse maior pelas questões relativas à identidade, faremos aqui uma discussão teórica acerca da contribuição que esses estudos trazem para nosso trabalho, uma vez que para compreender a construção da identidade a partir das histórias de Trancoso, como pretendemos, é preciso que possamos discutir e assimilar o que a teoria existente nos diz acerca da temática e em que perspectiva podemos encontrar a abordagem da identidade.

Um dos principais enfoques a respeito da identidade na sociedade pós-moderna é abordado na obra *A identidade cultural na pós-modernidade*, na qual Hall (2005) busca avaliar se estaria ocorrendo uma crise com a identidade cultural, e levanta o seguinte questionamento: se está ocorrendo uma crise de identidade, em que consistiria tal crise e qual seria a direção da mesma em um momento pós-moderno como o que vivemos?

Com o intuito de refletir acerca desse questionamento, o autor discute o processo de fragmentação pelo qual está passando o sujeito moderno, no momento definido por ele como modernidade tardia, no qual surgem novas identidades, imbricadas em vários aspectos sociais, entre eles a história, a política, a representação e a diferença. Com tudo isso, a concepção de identidade cultural passa por alterações a partir do deslocamento de estruturas consideradas tradicionais nas quais os indivíduos se inserem e nas quais constroem sua referência de identidade cultural.

Hall postula que a fragmentação da identidade se deu a partir do deslocamento do sujeito, ocorrido a partir, principalmente, de cinco rupturas no discurso do conhecimento, que possibilitou o descentramento do sujeito cartesiano, bem como de sua identidade. O primeiro descentramento se refere ao pensamento de Karl Marx, que ao focar as relações sociais e de produção como centro de sua teoria, deslocou a posição da filosofia moderna de que a essência do homem é universal, mostrando que o homem é um ser histórico.

O segundo descentramento surgiu com a teoria do inconsciente de Freud, para a qual nossa identidade, sexualidade e desejos, têm sua formação com base em processos psíquicos e simbólicos do inconsciente. Esse postulado “arrasa com o conceito do sujeito cognoscente e racional provido de uma identidade fixa e unificada – o ‘penso, logo existo’ de Descartes.” (HALL, 2005, p. 36).

Dando continuidade ao pensamento de Hall, encontramos um terceiro momento de descentramento do sujeito provocado pelo trabalho do lingüista Ferdinand Saussure, que aborda a língua como um sistema social, que não pertence a ninguém individualmente. Sendo assim, o que dizemos vem carregado de significados que já estão postos na língua, e sobre o que, portanto, não temos controle. Esse pensamento traz o pressuposto de que o falante não pode atribuir um significado final, inclusive para sua identidade.

Um descentramento da identidade muito importante, considerado por Hall como o quarto momento, ocorre a partir dos trabalhos de Michel Foucault, em que o autor aborda o poder disciplinar como forma de vigiar e regular a vida social através da criação e ampliação das instituições sociais, que levam a um isolamento e individualização do sujeito.

Por último, encontramos o quinto descentramento, que veio com o feminismo, que, entre outras coisas, “politizou a subjetividade, a identidade e o processo de identificação,” bem como levantou questionamentos em torno do fato de que homens e mulheres teriam a mesma identidade humana, levantando assim o debate em torno da diferença sexual. Partindo dessas mudanças, “o ‘sujeito’ do iluminismo, visto como tendo uma identidade fixa e estável, foi descentrado, resultando nas identidades abertas, contraditórias, inacabadas, fragmentadas, do sujeito pós-moderno.” (HALL, 2005, p. 35-46).

Partindo desses pressupostos, o autor chega à concretude do descentramento do sujeito, que estaria desfragmentado, assim como a própria sociedade, o que levaria à concepção de identidades plurais e em constante formação. Para Hall “Estamos sempre em processo de formação cultural, a cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar.” (HALL, 2006, p. 43). Assim,

também seria nossa identidade, ou seja, formada a partir de nossa experiência cultural e social, com a qual nos definiríamos em termos de identidade social.

Desse modo, o fato de projetarmos a nós próprios nas identidades culturais, enquanto internalizamos seus significados e valores, tomando-os como parte de nós, contribui para vincular nossos sentimentos subjetivos aos lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural, este que, guiado pelo processo de globalização atual, vive um momento de intensa transformação. Nessa perspectiva, Hall vem nos dizer que

As identidades, concebidas como estabelecidas e estáveis, estão naufragando nos rochedos de uma diferenciação que prolifera. Por todo o globo, os processos das chamadas migrações livres e forçadas estão mudando de composição, diversificando as culturas e pluralizando as identidades culturais dos antigos Estados-nação dominantes, das antigas potências imperiais, e, de fato, do próprio globo. (HALL, 2005, p. 43)

Com tudo isso, ocorre o que o autor denomina de deslocamento das estruturas e processos centrais da sociedade, e com esse abalo o sujeito acaba perdendo de vista os antigos quadros de referência que lhes permitiam uma estabilidade no mundo social, sendo que a falta desta estabilidade, causada pelo alto grau de migração entre as sociedades, vem causar o que o autor denomina de fragmentação da identidade.

O pensamento de Hall encontra concordância com o de Bauman (2005), que também discute a temática da identidade na sociedade pós-moderna, denominada por ele de modernidade líquida, na qual a identidade passa a ter um estado provisório. No entanto o autor mostra que essa é uma questão recente, e reforça que “a fragilidade e a condição eternamente provisória da identidade não podem mais ser ocultadas. O segredo foi revelado. Mas esse é um fato novo, muito recente.” (BAUMAN, 2005, p. 22)

Ainda para o autor, “A *idéia de “identidade” nasceu da crise do pertencimento* e do esforço que esta desencadeou no sentido de transpor a brecha entre o “deve” e o “é” e erguer a realidade no nível dos padrões estabelecidos pela *idéia - recriar a realidade à semelhança da idéia.*” (BAUMAN, 2005, p. 26, grifos do autor). Esse postulado é para reforçar a *idéia de que a identidade, e mais precisamente a identidade nacional, não nasce naturalmente da experiência humana, mas chegou, de certa forma forçada na vida do homem na era da modernidade.*

A identidade, para o autor, é também ambígua, pode servir de símbolo na luta de grupos menores contra as pressões sociais, como também pode servir a um grupo maior, que deseja impor

sua soberania e deixar de lado as diferenças. Esses aspectos tornam a luta em torno da identidade uma luta de guerra. Sendo assim, como mostra Bauman,

A identidade – sejamos claros sobre isso – é um “conceito altamente contestado”. Sempre que se ouvir essa palavra, pode-se estar certo de que está havendo uma batalha. O campo de batalha é o lar natural da identidade. Ela só vem à luz no tumulto da batalha, e dorme e silencia no momento em que desaparecem os ruídos da refrega. Assim, não se pode evitar que ela corte dos dois lados. Talvez possa ser conscientemente *descartada* (e comumente o é, por filósofos em busca de elegância lógica), mas não pode ser *eliminada*, muito menos *afastada* da experiência humana. A identidade é uma luta simultânea contra a dissolução e a fragmentação; uma intenção de devorar e ao mesmo tempo uma recusa resolvida a ser devorado... (BAUMAN, 2005, p. 84, grifos do autor)

Partindo do pressuposto apresentado, de identidade enquanto terreno de luta contra a fragmentação, chegamos ao pensamento de Woodward (2009), que comunga com a abordagem de Bauman, enfocando ainda que essa luta provem das mudanças e transformações globais nas estruturas políticas e econômicas do mundo contemporâneo. Estas, ao se concretizarem, colocam em relevo as questões de identidade e as lutas pela afirmação e manutenção das identidades nacionais e étnicas na sociedade pós-moderna. A autora acrescenta que “as identidades em conflito estão localizadas no interior de mudanças sociais, políticas e econômicas, mudança para as quais elas contribuem. Luta e contestação estão concentradas na construção cultural de identidades.” (WOODWARD, 2009, p. 25)

A autora aborda ainda um aspecto relevante nos estudos voltados para a questão da identidade, que é a diferença, aspecto esse que está no cerne dos questionamentos acerca da identidade hoje, uma vez que esta só é possível de ser questionada a partir do outro, e sendo assim,

As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas *simbólicos* de representação quanto por meio de exclusão *social*. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença. (WOODWARD, 2009, p. 39, grifos da autora)

Nessa perspectiva, a autora mostra que nas relações sociais existem duas formas de diferença, que são estabelecidas, ao menos em parte, através de um sistema classificatório, capaz de dividir uma sociedade em dois grupos opostos, que são: nós/eles e eu/outro. Essas formas de diferença são a simbólica e a social, que são estabelecidas a partir da cultura, sendo que o modo



como a cultura distingue as diferenças é de fundamental importância para que possamos compreender as identidades, uma vez que “a diferença é aquilo que separa uma identidade da outra, estabelecendo distinções frequentemente na forma de oposições. [...]” (WOODWARD, 2009, p. 41)

Concordando com Woodward no tocante à questão da identidade marcada pela diferença, Hall (2009) acrescenta que “as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela”. A marcação aparece então como um componente chave em qualquer sistema classificatório, e esta classificação se dá na relação estabelecida entre nós e os outros, entendendo como os outros aqueles que se distanciam de nós e se configuram como o exterior. Sendo assim, as identidades são construídas a partir da “narrativação do eu”, constituído em parte no simbólico, tendo como ponto de partida a sensação de pertencimento. O autor reforça esse argumento, ao enfatizar que:

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como sendo produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. Além disso, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o poder da marcação da diferença e da exclusão, do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída, de uma “identidade” em seu significado tradicional – isto é, uma mesmidade que tudo inclui, uma identidade sem costuras, inteiriça, sem diferenciação interna. (HALL, 2009, p. 109, grifos do autor)

Nesse sentido, as identidades como poder de marcação da diferença e da exclusão são formadas e transformadas continuamente através das representações simbólicas do sistema cultural no qual estamos inseridos, e podem ser vistas como uma construção discursiva situada em um dado momento histórico. Isso nos permite dizer que elas só adquirem sentido a partir do momento em que são pensadas dentro dos discursos sociais em que são produzidas.

Por isso, as histórias de Trancoso representam um elemento essencial na construção da identidade dos contadores, pois são a elaboração de um discurso formado a partir do pensamento e dos valores de um coletivo social que está representado nestas histórias, criadas e recriadas ao longo da história por aqueles que de alguma forma desejam que elas permaneçam fazendo parte de sua identidade cultural, uma vez que é nas histórias que eles encontram reconhecimento dentro do grupo social ao qual pertencem.

CONTO POPULAR E IDENTIDADE SOCIAL: ALGUMAS DISCUSSÕES

Partindo da discussão feita a respeito da identidade, em que vimos que os estudos atuais postulam a identidade como sendo uma construção que, assim como a sociedade, sofre as modificações ocorridas na pós-modernidade, dizemos que o conto popular se configura como um dos fazeres sociais que colocam o sujeito em contato com os elementos chaves da construção de sua identidade.

Sendo o conto popular inserido numa literatura de tradição oral, passa a ser representativo da memorização das histórias criadas e contadas a partir do repertório literário coletivo que respeita os valores da comunidade na qual é veiculado, e o contador, que o transmite de geração em geração, faz com que o conto, ao ser reelaborado, seja também um espaço de construção de identidade, pois ao tratar da cultura coletiva, permite ao sujeito, seja contador ou ouvinte, se reconhecer enquanto pertencente a uma sociedade determinada.

Desse modo, Rondelli afirma que:

As histórias de trancoso são elementos de uma tradição compartilhada tanto pelo narrador como pelos seus ouvintes e transmitidas por meio de um processo de reelaboração e recriação que as integra no momento presente. Elas continuam sendo contadas, pois, para o grupo, são recursos explicativos de sua própria realidade que caracterizam simbolicamente situações em que narradores e ouvintes se reconhecem. (RONDELLI, 1993, p. 33)

A autora fala ainda do importante papel que o contador exerce em sua comunidade, uma vez que, a partir do ato de contar junto às comunidades, preserva o simbólico e cultural inscrito na identidade destas comunidades, promovendo assim um processo de socialização da cultura. Por isso, o momento da contação de história é um momento de muita riqueza para o grupo, se configurando como um processo de socialização no qual persistem “valores que estão contidos nas histórias, nas mensagens que elas transmitem, a própria situação de contar história é um momento de socialização, pois propicia a convivência e a troca de experiência entre os participantes do evento.” (RONDELLI, 1993, p. 31). Estes enriquecem sua cultura a partir do que o conto lhes transmite.

Para que o conto possa figurar como elemento de construção da identidade social é preciso compreendermos sua importância dentro de uma comunidade a partir das características que o mesmo apresenta. Estas, de acordo com o modo como foram especificadas por Cascudo (2004), sinalizam para a importância que este contar coletivo tem na literatura oral de um país, já que o conto documenta a sobrevivência e o registro de usos e costumes esquecidos no tempo, mas que se

atualizam a cada nova contação, pois cada contador imprime nas histórias as marcas de sua identidade cultural. Tais narrativas partem “de temas primitivos e obedecem à seriação articulada de elementos, de soluções psicológicas, uso de objeto, encontro de obstáculos, comuns e semelhantes.” (CASCUDO, 2004, p. 303)

Em outra obra, Cascudo (2006) destaca o caráter plural da literatura oral brasileira, mostrando que a mesma é composta por elementos trazidos pelas três raças, (indígenas, portugueses e africanos) para a memória e a organização da sociedade atual. Essas influências foram se misturando a muitas outras que chegaram aqui ao longo dos séculos, fazendo com que o repertório cultural brasileiro fosse composto por influências oriundas de diversos povos.

Nessa perspectiva, precisamos refletir sobre a importância das histórias de Trancoso para a construção da identidade dos contadores, especialmente agora no século XXI, em que as identidades estão fragmentadas e deslocadas, seja ela cultural, étnica, de sexualidade, classe ou nacionalidade, devido à diminuição de fronteiras provocada pela globalização. É importante lembrar que as identidades não são características com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas a partir da experiência cultural pelas quais passamos.

Vale salientar nesse ponto o trabalho de Garcia Canclini (2008), no qual encontramos a idéia de hibridização “como processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas.” (CANCLINI, 2008, p. XIX). O processo de hibridização levaria à configuração de identidades híbridas, pautadas na heterogeneidade do sujeito e do mundo moderno.

O hibridismo presente nas histórias de Trancoso fica evidente no entrecruzamento de temas que são abordados nas narrativas. Entre eles, destacamos as práticas religiosas, conflitos étnicos, diferenças econômicas, tensões políticas, formulações de identidade, confluências entre passado e presente. Esse entrecruzamento de práticas culturais que perpassam a construção do conto, nos leva ao fato de que as narrativas se articulam como um lugar de transição entre culturas.

Desse modo, a prática de contar histórias representa uma forma de conviver com a diversidade cultural que nos rodeia em toda nossa formação para, a partir desse ambiente diversificado, buscar a formulação de uma identidade social, que começa desde a infância, como aborda Martin (2003), ao tentar compreender o papel interpretado pelo conto nas sociedades tradicionais. Segundo a autora, “no fictício narrativo, e em todas as sociedades, a criança constrói a sua personalidade, sua identidade individual, influenciada por, e copiada de, seu pai, sua mãe, seus avós, etc.”. (MARTIN, 2003, p. 14) O conto representa então um papel bastante relevante na

“constituição e representação da identidade social e cultural do indivíduo, como também da comunidade.”

Para compreendermos esse papel desempenhado pelo conto na construção da identidade, faz-se necessário compreendermos também o que eles repassam para os ouvintes, pois sabemos que os contos exprimem opiniões, sentimentos e o sistema de valores do universo dos contadores. A função social do conto popular é de ensinamento e lazer. Portanto, os contos não são somente para se distrair, como mostra a autora Cléo Busatto, “as histórias que trazem a compreensão da cultura e do espírito de um povo mantêm aceso o seu coração mítico.” (BUSATTO, 2006, p. 77) Além disso, encontramos nas histórias de Trancoso uma forma de transmitir os preceitos de uma sociedade, aquilo de certo e errado que a cultura postula.

No discurso do narrador estão impressas as narrativas que perpassam os séculos e que por isso constituem-se como representatividade da tradição oral, fazendo com que cada circunstância da vida social dos indivíduos envolvidos nas histórias se transforme em um ato de ensinamento e de intensa oralidade, pois a busca pelo ensinamento é uma característica peculiar dos contadores.

Pensando no conto popular como manifestação cultural capaz de fomentar nossa identidade dentro de um universo cultural mais amplo, no qual projetamos nossa identidade a partir da internalização de valores advindos dos contos, estamos fazendo com que eles passem a fazer parte de nós. Como aborda Hall (2005), o fato de projetarmos a “nós próprios” nas identidades culturais enquanto internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para vincular nossos sentimentos subjetivos aos lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural.

Esse lugar que ocupamos no mundo social e cultural é possível graças ao sentimento de identidade para o qual despertamos. Essa identidade, não é algo estático, pronta e acabada, como mostram os estudos de Hall (2005, 2009), Bauman (2005), Woodward (2009), que enfocam o sentido inacabado da identidade, esta como uma produção que nunca se completa, pois é algo que se constrói.

As formulações dos autores acima colocam em ênfase a questão da diferença como ponto de partida para a discussão a respeito da identidade pois, como mostra Silva, “a identidade e a diferença não podem ser compreendidas, pois, fora dos sistemas de significação nos quais adquirem sentido. Não são seres da natureza, mas da cultura e dos sistemas simbólicos que a compõem.” (SILVA, 2009, p. 78) Sendo assim, são elaboradas por cada sujeito a partir de sua convivência e experiência dentro de uma sociedade.

Nessa perspectiva, sendo o conto popular oral uma forma simbólica de comunicação, é o terreno próprio para que a luta pela constituição de uma identidade aconteça, pois no momento em que os narradores estão contando estórias, ao mesmo tempo em que estão repetindo anacronismos e fórmulas feitas, elaboram e reelaboram eventos passados e presentes, propondo uma reinterpretação dos fatos reais. Inspirando-se na tradição, fazem com que as narrativas sejam configuradas como um espaço no qual são formuladas as expressões da identidade, em que os indivíduos e os grupos fazem escolhas e colocam em movimento estratégias identitárias, escolhendo, num registro memorial e num repertório aberto, quais são as representações, as histórias, as crenças, os ritos e os saberes que lhes são úteis naquele momento.

A tradição oral, além de fortalecer relações entre pessoas e comunidades, cria uma rede de transmissão de tipos distintos de conhecimento e de modos de vida. Essa relação de aprendizagem informal é importante na estruturação e consolidação da cultura do grupo. Essa cultura se encontra representada de forma simbólica na literatura, que consegue agregar os principais traços de uma formação cultural.

CONCLUSÃO

De acordo com as reflexões desenvolvidas neste trabalho podemos perceber que a identidade é algo construído a partir das experiências vivenciadas pelos indivíduos em seu contexto social. Sendo a tradição oral, na qual os contos populares se enquadram, um dos vieses de fomento da identidade dentro de uma dada comunidade. Isto porque o conto aproxima as pessoas tanto entre si no mesmo contexto cultural, quando dos principais aspectos que permeia a cultura de cada comunidade.

Podemos também dizer que o conto se apresenta como uma manifestação da cultura popular que carrega uma gama de reflexos do contexto cultural do contador ou da contadora de histórias, que são incorporados em seu enredo no momento em que é apreendido pelo artista da palavra que é o contador. Assim, tanto o conto influencia na construção da identidade social, quanto é moldado por ela, pois a cada lugar onde o conto é narrado, são acrescentados detalhes que o tornam parte do contexto específico no qual é reformulado.

Dessa forma, quando um conto é narrado, está presente não somente a tentativa de se distrair, mas toda uma apresentação da identidade e da realidade de quem conta, construída a partir da inserção em uma cultura oral, rica em temas e discussões de caráter psicológico que vão além da

racionalidade, pois se baseia no simbólico, no mítico e na crença no extraordinário, que cada ser humano carrega em seu íntimo, pois mesmo aqueles mais céticos acreditam em alguma coisa além de nós.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

Cléo Busatto. **A arte de contar histórias no século XXI**: tradição e ciberespaço. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Literatura oral no Brasil**. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Contos tradicionais do Brasil**. 13. Ed. São Paulo: Global, 2004.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. Trad. Heloisa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 4. ed. 3. Reimp. São Paulo: EDUSP, 2008.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Traduzido por Adelaine La Guardiã Resende. 1. reimp. rev. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A ed., 2005.

_____. Quem precisa de identidade. In.: SILVA, T. T. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MARTIN, J. B. (org.) **O conto da tradição oral e identidade cultural**. Traduzido por Rubens Alves Netto e Rosália Maria Netto. São Paulo: Terceira Margem, 2003.

RONDELLI, Betty. **O narrado e o vivido**: o processo comunicativo das narrativas orais entre pescadores do Maranhão. Rio de Janeiro: FUNARTE/IBAC, 1993.

SILVA, M. J. da. Contador de Histórias: Experiências Re-Contadas. **Graphos**: revista de Pós-Graduação em Letras. Vol. 7, n. 2/1, Jun/Dez 2005/ João Pessoa: 2005 pp. 71-76.

WOODWARD. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In.: SILVA, Tadeu Tomaz. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.



VI Semana de
Estudos,
Teorias e
Práticas Educativas

VI SETEPE

(83) 3322.3222
contato@setep2016.com.br
www.setep2016.com.br

r